

O ALUNO GAY EM UM ESPAÇO DE SUBJETIVIDADES E PRÉ-CONCEITOS: REFLEXÕES NECESSÁRIAS ACERCA DA PRÁTICA DO BULLYING

Ana Karyne Loureiro Furley- anakaryneloureiro@gmail.com -
<http://lattes.cnpq.br/6736589692524594>

Hiran Pinel - hiranpinel@gmail.com -
<http://lattes.cnpq.br/8940226139303378>

Marciane Cosmo, marciane_cosmo@hotmail.com -
<http://lattes.cnpq.br/8592179284800674>

RESUMO

Esse artigo objetiva estudar a aprendizagem e o desenvolvimento humano sob um foco fenomenológico-existencial, centrando-se em um personagem fílmico chamado Nana que é deficiente físico e intelectual, obeso e gay, no filme “As Histórias da Chuva” (2016, de Nichaphoom Chaianan) que é de fato um conjunto de 3 narrativas, todas focadas em estudantes masculinos gays, numa mesma escola. Nana é vítima de do preconceito-bullying. Uma reflexão de importância social visto que apresentamos a partir do personagem Nana, a realidade de muitos homossexuais que em meio a pandemia do covid 19, são punidos, estereotipados, multilados em seu existir. Trata-se aqui-agora de um estudo fenomenológico, onde a leitura do material apresentado, fundamentado em Pinel (1989), Merleau-Ponty (1999), Olweus (1993), Fante (2005), Lopes Neto (2005) e outros, associaram-se à assistência envolvida e distanciada da película, conduzindo aos autores a criar suposições da temática apresentada, bem como descrever o enfrentamento de Nana em um processo subjetivado no qual os alunos estão expostos a todo o momento em ambiente escolar, mediado por um amor unilateral.

Palavras-chave: Fenomenologia-existencial, relação escolar, Merleau -Ponty, pré-conceito.

Ao longo da história humana atitudes e comportamentos difamatórios como colocar apelidos humilhantes às pessoas, ficar “zoando” na cabeça delas e propagando uma nomeação preconceituosa tem se tornado frequente e comum para uma boa parcela da sociedade. Apesar de essa situação ser taxada como um “ritual de passagem”, especialmente entre grupos de

adolescentes, e vista por psicólogos e/ ou pedagogos mais condescendentes como “algo que o jovem precisa lidar”. Tentativas de intervenção objetivando diminuir tal processo de diminuição do outro sempre existiram, pois esse outro, não raro, desvelava-se insatisfeito, vingativo, submisso, queixando-se às figuras de autoridade da escola – denunciando e articulando algum poder de insubmissão.

A vida humana é impensável fora da sociedade, valores como liberdade, consenso, respeito, diálogo, compaixão, que devem ser trabalhadas através da educação. A temática apresentará a escola como espaço de participação e de suma importância para a difusão do respeito e da inclusão da diversidade sexual. “é por meu corpo que compreendo o outro, assim como é por meu corpo que percebo “coisas”” (MERLEAU-PONTY, 1999, p.253).

Pois bem, “o homem está no mundo, é no mundo que ele se conhece” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 6). Em uma visão merleau-pontyana o mundo não é um simples objeto de conhecimento, vai além, torna-se objeto de conhecimento para metamorfosear-se em experiências em carne e osso através da percepção. Nessa mesma visão “somos verdadeiros de um lado a outro, temos conosco, apenas pelo fato de que somos no mundo, e não somente estamos no mundo, como coisas, tudo aquilo que é preciso para nos ultrapassar” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 612).

Descrito inicialmente como comportamentos comuns ou típicos da adolescência, graças às vítimas, o (pré) conceito-bullying foi se transformando em algo psicopatológico e um problema social, mesmo que a produção dele ocorra primeiramente numa dimensão relacional (psíquica). Assim, esse tipo de comportamento preconceituoso passou a ser considerado em decorrência de situações dramáticas, que têm ocorrido em diversas partes do mundo envolvendo indivíduos que invadem escolas e matam pessoas e/ou cometem suicídio; tratam de situações a que se apresentam inerentes a maus-tratos entre pares na escola.

Nosso objetivo aqui-agora é o de refletir sobre o aluno gay no espaço escolar de subjetividades e pré-conceitos, fazendo para isso um olhar fenomenológico na prática do(pré) conceito-bullying. Para alcançar esse objetivo recorreremos as produções discursivas citadas ao longo do texto, a alguns conceitos de Merleau-Ponty, bem como recorreremos brevemente ao filme “As Histórias da Chuva” (Tailândia, 2016, direção de Nichaphoom Chaianan).

Recorremos ao método fenomenológico de investigação proposto por Forghieri (2001) através de um envolvimento existencial com a película (fenômeno) e um distanciamento reflexivo com o mesmo para poder descrevê-lo. Segundo Pinel (2004, p.01) diz: [...] a meta em uma pesquisa fenomenológica é chegar a vivência subjetiva (na objetividade do mundo) do outro, de acordo com o outro, isto é descrever o vivido pelo outro, a experiência do outro tal qual ele a vive, de acordo total com sua linguagem, ou expressões corporais, entre outros”.

A perspectiva fenomenológica, nesse caso usada como referência para orientar a prática pedagógica indica que nesse sentido o educador não é apenas um mero cumpridor de tarefas. Nem o educando é um número de massa amorfa e sim sujeito aprendente em uma comunidade de aprendentes, resultando em diferentes formas de compreender o mundo e o ser no mundo através de uma atitude crítica para uma transformação social nos fazendo presentes nesse mundo. “Quer se trate do corpo do outro ou de meu próprio corpo, não tenho outro meio de conhecer o corpo humano senão vivê-lo, quer dizer, retomar por minha conta o drama que o transpassa e confundir-me com ele. (MERLEAU-PONTY, 1999, p.269).” Por isso destacamos a em nossas reflexões nesse artigo o conceito de corpo e percepção na educação escolar.

A expressão (pré) conceito-bullying nos remete a compreender de fato, que essa temática tem sido pouco a pouco utilizada/ direcionada, nos ambientes escolares no sentido de se referir às subjetividades/ comportamentos que hostilizam, agredem e violentam os indivíduos inseridos no espaço escolar que se realizam pautadamente nas relações inter/intra(pessoais) de estudantes entre si ,suas famílias, docentes, gestores e discentes – dentre outras possibilidades.

Assim, segundo Pereira (2002), pegar-se no pé do sujeito, fazendo-o de modo insistente, vulgar, agressivo verbal e corporal, impedindo que o estudante ande livremente, aprisionando-o: ser prisioneiro, mesmo que seja uma situação sui generis, ele é vítima e não é o criminoso, e o seu algoz é o violentador, mas privilegiado pelos colegas, como durão, malandrão. O agressor maltrata, intimida aquele que apresenta sinais e ou características que reportam a um estigma que acabada sendo discriminado negativamente e com isso passa para uma ação preconceituosa verbal e ou física – ou as duas juntas. O outro é sempre inferior, e o que agride é o normal, o superior. Podemos pensar que se trata da reprodução da cadeia brasileira para dentro da escola.

No filme “The Rain Storied” (TAILÂNDIA, 2016, direção de Nichaphoom Chaianan) conhecemos o personagem Nana, de fala macia e suave, deficiente físico (dos pés) e possível leve deficiência intelectual, com obesidade patológica e gay. Ele se deixa seduzir pelo colega Gent, também jovem, dito o mais bonito da escola, que não percebe o amor de Nana, e que quando descobre sente vergonha, nojo e rejeição – piedade também. O jovem belo se sente impossibilitado de doar amor e sexo, independentemente de ser gay ou heterossexual.

Nana passa a ser objeto de desprezo e de gozo dos colegas e do belo, e o jovem amado sofre bem menos, mas ainda assim é dito que está com piedade do gay, que ele está tendo um bromance (1), recordando de modo jocoso outro filme do mesmo diretor “My Bromance” (Tailândia, 2014, direção de Nitchapoom Chaianun), que narra o romance entre dois irmãos não sanguíneos. Nana termina só e fazendo força para que chova uma forte monção, e é o que acontece – como se ele se destinasse a dor e o drama. Como vítima, ele acaba chamando pelo nome do outro que passa a rejeitá-lo, pois ele é fora da estética oficial, desvelando-se com densa/ tensa e intensa piedade de “si mesmo” – um estranho modo de ser autoflagelado.

Esse autorretrato de forte piedade e compaixão é desvelada de modo pungente quando ele come ansiosamente, como se o dia estivesse acabando em monção – ele devora a comida ou é devorado por ela. Como nos mais sórdidos e sofridos romances, os grandes pingos da chuva pesada se misturam às suas lágrimas, e ele se queixa por não ser belo, pela “sua” incapacidade de amar (o que não é fato), sentindo a dor dos humilhados pelo impedimento do amor sexual com o outro, chorando pelo amor sexual e o contato íntimo negado pelo outro descrito como belo. A chuva limpará suas lágrimas, e ao mesmo tempo as substituirá – com levíssima sugestão da libertação. Pelas cenas, o filme traz a vítima como heroína, mas de um heroísmo cabisbaixo, um queixume de um corpo sem amor do toque físico do outro, e em casa um prato de comida o espera. A chuva também pode funcionar como criadeira (que faz nascer uma cria, que dá força à plantação e mata a sede do homem) e ao mesmo tempo como aquela que limpa a cena, dando lugar a uma outra – como é a vida mesma. A história de Nana pode nos desvelar além da história. O que nos destina pode ser social e historicamente aceitar e submeter-se às humilhações, mas nós podemos nos destinar uma monção que nos lava e nos entrega novo a outra cena, a da resiliência e da resistência mínima no

cotidiano. O que destinamos a nós, os humilhados e rejeitados como Nana, é o enfrentamento, o assumir a vida e a beleza que temos.

Tudo o que “sou” graças a natureza ou à história – corcunda, belo ou judeu-nunca o sou inteiramente para mim mesmo, [...].É verdade ainda que esta própria alternativa é um constrangimento : se sou feio, tenho a escolha de ser reprovado ou reprovar os outros, deixe-me livre entre o masoquismo e o sadismo , e não livre para ignorar os outros (MERLEAU- PONTY,1999, p.583).

A maioria das pesquisas levantadas adota as definições elaboradas por Olweus (1993), destacando Cubas (2006), segundo o qual (pré) conceito-bullying é definido a partir de três características: trata-se de um [1] comportamento agressivo ou de uma ofensa intencional, ocorre [2] repetidamente e durante muito tempo, ocorre em [3] relações interpessoais caracterizadas por um desequilíbrio de poder – fraco x forte, bicha x macho, branco x negro, aluno comum x nerd, nerd x “burros” etc. Não há dicotomia, pois os personagens se misturam, mas no preconceito-bullying isso se destaca: há um lado fraco e podre, e do outro lado um forte e o sustentado.

Vimos que na contemporaneidade, a temática, preconceito-bullying na escola, tem se tornado cada vez mais frequente, trazendo malefícios aos seus pares. Segundo Silva (2009) existem diversas formas da prática dessa maldade e perversão, e dentre elas podemos classificar: **FORMA VERBAL:** insultar, ofender, xingar, fazer gozações, colocar apelidos pejorativos, fazer piadas ofensivas e zoar; **FORMA FÍSICA E MATERIAL:** Bater, chutar, espancar, empurrar, ferir, beliscar, roubar, furtar ou destruir os pertences das vítimas e atirar objetos contra as vítimas; **FORMA PSICOLÓGICA E MORAL:** Irritar, humilhar e ridicularizar, excluir, isolar, ignorar, desprezar ou fazer pouco caso, discriminar, aterrorizar e ameaçar, chantagear e intimidar, tyrannizar, dominar, perseguir, difamar, passar bilhetes e desenhos entre os colegas de caráter ofensivo, fazer intrigas, fofocas ou mexericos (mais comum entre as meninas); **FORMA SEXUAL:** abusar, violentar, assediar e insinuar; **FORMA VIRTUAL:** usar a internet para caluniar, maltratar entre outras atitudes já descritas contra o próximo (p.22-24).

Com-vivemos nos dias atuais, com mais um agravante: a pandemia do covid 19 e o preconceito que tem sido disseminado fortemente pelas redes sociais. Não é raro, lermos postagens que sinalizam o preconceito mesmo após a morte de uma pessoa homossexual que teve óbito em decorrência da covid. Sentimentos de ódio desencadeiam a dor, a culpa, o medo dos que ficam, sejam amigos,

familiares e parceiros. O ser humano esquece que, o humano é demasiadamente humano e se perde em meio a uma certeza unilateral, atingindo o seu semelhante em nome de uma convicção.

Assim o preconceito-bullying é um problema sério que pode levar desde o suicídio, homicídio e na esfera escolar, à dificuldades de aprendizado por parte da vítima. Ela sofre calada, tem dificuldades de relacionamento, sente-se inferior diante dos outros, provoca fobia social, psicoses, depressão e principalmente baixo rendimento escolar. Não acostumados com esta situação de exposição e humilhação das vítimas que sofrem as agressões muitas vezes caladas e se recolhem em todas as atividades com medo de serem expostos e ridicularizados (SILVA, 2006; s/p).

Mas é aqui que é preciso se calar, pois apenas o herói vive até o fim sua relação com os homens e com o mundo, e não convém que um outro fale em seu nome. "Teu filho está preso no incêndio, tu o salvarás... Se há um obstáculo, venderias teu braço por um auxílio. Tu habitas em teu próprio ato. Teu ato é tu... Tu te transformas...Tua significação se mostra ,ofuscante. Este é teu dever ,é tua raiva, é teu amor ,é tua fidelidade, é tua invenção...O homem é só um laço de relações ,apenas as relações contam para o homem." (MERLEAU PONTY, 1999, p.612).



Imagem 1: Nana e o amigo mais bonito da escola. Não podendo esconder que é deficiente físico (problemas nos pés) e intelectual, obeso e gay. Como amar e ser amando?

No Brasil, essa violência, denominada preconceito-bullying, é conhecida também como “intimidação entre iguais”, destacando o hibridismo dos dois, a mistura, a indissociação. O (pré) conceito-bullying aparece muitas vezes camuflada sob a argumentação de que é uma simples brincadeira, de um lúdico (perverso, de fato) não sendo levada a sério ou em consideração pelos adultos que monitoram os alunos no interior da própria escola, ou muitas vezes pelos próprios pais ou responsáveis, como bem destaca Fante (2005). Quando se imagina intervenções na escola contra o (pré) conceito-bullying, Lopes Neto (2004) nos sugere, propondo ações que contém o envolvimento de professores, pais e alunos fundamental para a implementação de projetos de redução dessa problemática. A participação de todos visa estabelecer normas, diretrizes e ações coerentes. As ações devem priorizar a conscientização geral; o apoio às vítimas, fazendo com que se sintam protegidas; a conscientização dos agressores sobre a incorreção de seus atos e a garantia de um ambiente escolar sadio e seguro (p.169).

Mas, como compreender esse fenômeno cujo rótulo é de língua inglesa e sobre o qual tanto se discute atualmente? Olweus (1993) foi o responsável por evidenciar o termo bullying, originado do inglês bully, que significa brigão, valentão, dentre outros significados, esclarecendo que o mesmo pode ser definido a partir da exposição repetida de um aluno a práticas negativas de outro aluno ou de um grupo deles. As práticas podem ser observadas nos mais diversos locais das escolas, com uma predominância maior nas salas de aula e nos espaços ocupados durante o recreio (ABRÁPIA, s/d; FANTE, 2005). Esse problema evidencia a intolerância, cada vez maior, às diferenças e, o que é ainda pior, muitas vezes as práticas agressivas é banalizado por aparecerem mascaradas sob a forma de “brincadeiras de crianças” ou “comportamentos próprios da idade”.



Imagem 2: Nana simbolicamente pede monção e é atendido. Ele chora até ficar com dó de si, grita. Eis os que os destinados deficientes, obesos e gays podem desejar: ter piedade de si, numa sociedade preconceituosa, especialmente contra os oprimidos.

Mas o espetáculo percebido não é ser puro. Tomado exatamente como tal como vejo, ele é um momento da minha historia individual e, como sensação é uma reconstituição, ela supõem em mim os sedimentos de uma constituição previa, eu sou, enquanto sujeito que sente inteiramente pleno de poderes naturais dos quais sou o primeiro a me espantar. Não sou, portanto , segundo a expressão de Hegel, um “buraco no ser”, mas um vazio, uma prega que se fez e que pode desfazer-se (MERLEAU PONTY, 1999, p .290).

No espaço escolar, aprende-se a viver numa organização e com isso a exercer o ofício de ser aluno, hábitus adaptado a vida social. Nesse sentido, hábitus segundo Bourdieu (2004) é um conjunto de percepções e valores que permitirá ao indivíduo fazer escolhas e tomar decisões e será implantado através da educação, sendo assim a escola não é apenas um espaço de reprodução social, mas também um espaço que se produz os elementos de sua própria contradição. A escola é um local que a criança vai para aprender através de atividades simbólicas e interiorizadas, que serão adaptadas e absorvidas individualmente. Mas nosso corpo não é apenas um espaço expressivo entre todos os outros. Este é a penas o corpo constituído. Ele é origem de todos os outros, o próprio movimento de

expressão, aquilo que projeta as significações no exterior dando-lhes um lugar, aquilo que faz com que elas começam existir como coisas, sob nossas mãos, sob nossos olhos.

A existência corporal que crepita através de mim sem minha cumplicidade é apenas o esboço de uma verdadeira presença no mundo. Pelo menos ele funda sua possibilidade, ela estabelece nosso primeiro pacto com ele. Posso muito bem ausentar-me do mundo humano e abandonar a existência pessoal, mas é apenas para reencontrar em meu corpo a mesma potencia, dessa vez sem nome, pela qual estou condenado ao ser (MERLEAU-PONTY, 1999,p.229).

Diante desse fato, o indivíduo tolera a presença do outro que não concorre consigo, os inúteis e compete com o outro que o ameaça. E nessa relação não há segurança, são diferentes zonas de relações. E em um contexto escolar ainda são considerados anormais? Que expectativas esses in/excluídos podem ter em um espaço escola onde resultados quantitativos são cobrados a todo o momento?

Pinel (2004) destaca os sofrimentos dos preconceituosos patológicos, pois eles têm que passar 24 horas o por dia com um pensamento fixo, um obsessivo-compulsivo. Ele só sabe pensar-sentir-agir acerca do outro que o perturba – existindo de fato perto dele, longe, ou nem existindo, então ele cria. O motivo para o existir do ser preconceituoso patológico é facilmente encontrado, e sua personalidade rígida e arcaica, mantenedora da ordem estabelecida e totalmente a favor da ideologia dominante, sempre encontrará uma vítima, e mais, encontrará o apoio de boa parte da sociedade, nem sempre psicopatológica: “mas por outro lado, há o polo de maior sofrimento e que carece dos maiores cuidados, a vítima do preconceito, pouco apoiado psicossocialmente, vilipendiado e desprezado que é, assimilando essas imagens ou se opondo a elas com uma força descomunal o que o torna perigoso para si mesmo junto ao outro no mundo” (PINEL, 2004; p. 93).

Atualmente existe um bombardeio de informações e o aluno é vítima das novas mídias sendo treinado para reproduzir, e assim vai perdendo a noção de um todo e, conseqüentemente o isolamento e a auto exclusão, e nessa concepção vamos observando que o aluno deixa de ser ouvido. É necessário que o educando participe desse mundo contemporâneo, exercendo seu papel como um ser influente e influído na busca de melhores resultados.

Diante disso, ressalta-se a escola como instituição gerada pela sociedade para o êxito de determinada finalidade, onde a escola como espaço transcende a um espaço físico onde se produz intervenção, para tornar-se objeto de intervenção, principalmente no que tange a implementação das sexualidades poliformas. Partindo dessa premissa, o trabalho educacional constitui um recurso que a escola possui para satisfazer suas necessidades, para cumprir os objetivos, que, lhe são cobrados socialmente.

Deve-se falar sobre o sexo, e falar publicamente, de uma maneira que não seja ordenada em função da demarcação entre o lícito e o ilícito, mesmo se o locutor preservar para si a distinção (é para mostrá-lo que servem essas declarações solenes e liminares); cumpre falar do sexo como de uma coisa que não se deve simplesmente condenar ou tolerar, mas gerir, inserir em sistemas de utilidade, regular para o bem de todos, fazer funcionar segundo um padrão ótimo (FOUCAULT, 1988, p.27).

É sendo sem restrições nem reservas aquilo que sou presentemente que tenho oportunidade de progredir, é vivendo meu tempo posso compreender os outros tempos, é me entranhando no presente e no mundo, assumindo resolutamente aquilo que sou por acaso, querendo aquilo que quero, fazendo aquilo que faço que posso ir além. Só deixar a liberdade escapar se procuro ultrapassar minha situação natural e social recusando-me a em primeiro lugar assumi-la, em vez de, através dela encontrar o mundo natural e humano (MERLEAU-PONTY, 1999, p.611).

Vivemos em uma sociedade marcada por vigilância e controle, e por um (pré) conceito estético e visual ideologicamente concebido por uma classe normalizadora e desumana. Jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais vivem em regime de silêncio em espaços escolares. "Classe e gênero não são as únicas diferenças que moldam a sexualidade. Categorização por classe e gênero fazem inserção com as de etnia e raça" (Foucault, 1988). Porque é tão difícil falar sobre sexualidade na escola? Silenciar quando incitam identificações e críticas invés de ensinar que identidades são feitas e não recebidas? Porque é tão difícil falar sobre o corpo e o relacionar-se com ele?

A homofobia é consentida e ensinada na escola, e o desejo de anular, exterminar, humilhar, desprezar, prestar ao ridículo o aluno enquadrado nesse parâmetro de forte resistência em demonstrar respeito a diversidade sexual como se homossexualidade fosse algo contagioso que se

transmitisse através do ar que respiramos .As mídias sócias exercem forte influencia sobre esse tipo de comportamento. Basta observarmos discursos de políticos, páginas de redes sociais, programas de televisão e o discurso de amigos e familiares que afirmam não terem nada contra a homossexualidade desde que os gays saibam se comportar em público. Esse aluno aceito, é aceito como enrustido, contra si mesmo, contra seus sentimentos, um (ser) que não é, que aceita a sua anuidade.

A existência humana é perceptível a partir de uma subjetividade de corpo e comportamento do indivíduo em direção ao mundo, através de uma interação com o mesmo. Nesse contexto, essa problemática existencial perpassa as condições de submissão a capacidade física onde o aluno está submetido às decisões voluntárias que produzem ações de natureza espontânea. Isso vai mostrar que o corpo em sua capacidade vai além da carne (físico), está intimamente ligado na experiência como ele é (vi)vido e sentido. Logo, o mundo deixa de ser um simples objeto de conhecimento para se tornar experiência, em carne e osso pela percepção para revelar os mistérios do mundo e os mistérios da razão onde o se(r)ndo é incluído em uma totalidade escolar.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, pp. 13-14) no artigo 18 que rege sobre o direito à liberdade, ao respeito e à dignidade diz que “É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor”. Sendo assim, as instituições de ensino têm uma parcela fundamental na busca por fazer valer os preceitos do Estatuto. Assim, Pereira (2002) salienta que, a grande virada feita pelo ECA, e que lamentavelmente o Estado resiste em compreender, é que como um tratado de direitos humanos ele mudou a máquina e a concepção de socializar crianças, outorgando-lhes o fundamental de suas vidas: um estatuto de sujeito (p.206).

Nesse contexto, Fante (2005, pg. 89) esclarece que, muitas vítimas passam a ter baixo desempenho escolar, apresentam queda no rendimento escolar, déficits de concentração, prejuízos no processo de aprendizagem, resistem ou recusam-se a ir para a escola, trocam de colégios com frequência ou abandonam os estudos. No âmbito da saúde física e emocional, a vítima acaba desenvolvendo uma severa depressão, estresse, pânico, fobias, distúrbios psicossomáticos, podendo chegar a tentar ou cometer o suicídio

É sendo sem restrições nem reservas aquilo que sou presentemente que tenho oportunidade de progredir, é vivendo meu tempo posso compreender os outros tempos, é me entranhando no presente e no mundo, assumindo resolutamente aquilo que sou por acaso, querendo aquilo que quero, fazendo aquilo que faço que posso ir além. Só deixar a liberdade escapar se procuro ultrapassar minha situação natural e social recusando-me a em primeiro lugar assumi-la, em vez de, através dela encontrar o mundo natural e humano.(MERLEAU-PONTY,1999,p.611)

Sendo assim, consideramos que uma compreensão mais apurada da temática se faz mister para que haja o desenvolvimento de novas práticas que tenham como objetivo a formação de profissionais mais comprometidos com o seu “quefazer”, profissionais capacitados a efetuarem, continuamente, avaliações acerca das produções advindas de suas práticas. Neste sentido, conforme Freire (1993) pontuava, “a consciência da prática implica a ciência da prática embutida, anunciada nela” (p. 33). Nesse mesmo sentido, em Foucault (1988) a sociedade moderna é perversa, não a despeito de seu puritanismo ou com reação a sua hipocrisia: é perversa real e diretamente e diante de um ordenamento social dentro de uma visão MerleauPontyana o sujeito para viver um ordenamento geopolítico de espaços sexuais deve estar morto e submisso a uma não identidade onde prazer e poder se anulam, se contrapõem . “O que nos permite centrar nossa existência é também o que nos impede e centra-lá absolutamente, e o anonimato de nosso corpo é inseparavelmente liberdade e servidão”. (MERLEAU-PONTY, op.cit., p.126).

É inegável afirmar a homofobia em espaço escolar através da concupiscência de detentores de poder, onde rituais probatórios acontecem a todo instante. Seja através de confissão voluntária ou involuntária pela coerção para a produção da verdade em uma fala esperada daquele que causa o dano. Isso acontece desde a Idade Média com intuito de punir, julgar, perdoar, inocentar, purificar a anormalidade.

[...] a memória de uma violência incontida que somente pode resultar em respostas violentas, em um aprendizado que a escola pretende justamente negar e conter. Mais do que qualquer outro espaço instrucional, a escola se apresenta a essas crianças e adolescentes como uma espécie de castigo modelar do comportamento. Um castigo deve ser sofrido com resignação. Não são poucas as queixas. O aprendizado imposto que nada diz respeito ao

mundo próximo e conhecido. A humilhação a que são submetidos pelo não saber, pela ausência de tradição de frequência escolar na família, pelas origens populares. As provas a que se sujeitam para confirmar pertencimento no gênero humano e a recusa de um espetáculo de antissocial idade. A violência que subjaz as relações sociais e que exclui o diálogo e a compreensão. Autoritárias, essas relações não dissimulam as formas agressivas de preservação da disciplina (...). Nesse universo, a baixa escolaridade e a evasão escolar, antes de serem características peculiares de jovens e crianças que trilham a delinquência, são o produto de funcionamento do aparelho escolar (FANTE apud LEVISKY, 2012, p186).

Quando se trata da espécie humana, essa identificação apresenta ainda alguns elementos facilitadores, uma vez que, diferentemente do que ocorrem com outras espécies, os humanos emitem sinais característicos do ato de brincar, como o riso e a descontração, que facilitam ainda mais a observação de um episódio de brincadeira (YAMAMOTO & CARVALHO, 2002).

A definição do brincar deve levar em consideração sua complexidade e seu caráter multifatorial, propondo assim um olhar sobre os aspectos psicológicos, comportamentais e contextuais que fundamentam ou precedem a brincadeira, como sinalizam Pellegrini e Smith (1998). Todavia, o brincar também pode ser definido a partir da observação de suas consequências, ou, por assim dizer, dos comportamentos que sucedem a atividade, por exemplo, uma brincadeira de luta só pode ser classificada com tal se, após o embate, as crianças permanecerem juntas e em harmonia. É possível perceber que competição é a própria alma do sistema capitalista e é, muitas vezes, podem servir de estímulo para o (pré) conceito-bullying.

A presença do (pré) conceito-bullying é, sem sombra de dúvida, extremamente prejudicial, pois diferentemente das demais ocorrências de violência, essa traz consigo inúmeras consequências danosas à saúde física, mental e social dos envolvidos, sejam como vítimas, como agressores ou como testemunhas. O desrespeito e a violência entre os estudantes sempre foram tema de interesse dos pesquisadores, o que nos motivou para realização deste trabalho, pois além das consequências danosas na aprendizagem escolar, por si mesmo, gera traumas no desenvolvimento.

No entanto, torna-se cada vez mais claro que a sexualidade é além de produto da natureza, um produto da linguagem e da cultura. A homossexualidade é vista como uma ameaça pelos moralistas, e a questão racial como uma parte que não cabe ser julgada como social.

Mas o espetáculo percebido não é ser puro. Tomado exatamente como tal como vejo, ele é um momento da minha historia individual e, como sensação é uma reconstituição, ela supõem em mim os sedimentos de uma constituição previa, eu sou, enquanto sujeito que sente, inteiramente pleno de poderes naturais dos quais sou o primeiro a me espantar. Não sou portanto , segundo a expressão de Hegel, um “buraco no ser”, mas um vazio, uma prega que se fez e que pode desfazer-se.(MERLEAU PONTY,1999,p.290)

Esse corpo negado é visível no centro da subjetividade. “[...] Não há meio-termo entre a presença e a ausência. (MERLEAU PONTY, 1999, p.120)”. A vivência de corpo está ligada a vivência de impulso, de sentimentos, da consciência do ser, de ser vital. Esse ser corpo necessita habitar em um mundo vivido, pois não é inerte, ao contrário ele existe. Ele existe em mim e eu existo nele. “O corpo próprio está no mundo assim como o coração no organismo; ele mantém o espetáculo visível continuamente em vida, anima-o e alimenta-o interiormente, forma com ele um sistema. (p.273)”. Vale salientar que a comunicação é a correlação entre o corpo e o mundo e, das relações de inerências surgirão novas relações através de estímulos dessa própria vivência. Através de gestualidades permitimos ser corpo encarnado e essa síntese de corporeidade é a significação de ser no mundo. Passando a viver em uma sincronia vivida cheia de significações onde o corpo como mediador de vida. Assim o ser nesse espaço escolar elabora sua existência pessoal através dessa vivência de corporeidade pela necessidade de se pessoalizar e escrever sua história.

A escola, como um espaço que propicia saberes/fazerem não deve ficar indiferente ao tema e nem familiarizar os fatos como se fosse apenas uma “brincadeira” – é fugir da complexidade de quem vive na carne o (pré) conceito-bullying. É importante que se incluam na agenda cotidiana do contexto escolar temas como (pré) conceitos (em geral), agressividade, violência, sexualidade forçada confabulando abuso, uso de drogas etc., dando oportunidades aos estudantes de socializarem a temática, discutindo suas experiências vividas/sentidas, encontrando uma significativa escuta psicopedagógica e psicológica, pela via do processo de empatia.

É como afirma Lucas (apud Candau): “O mestre tem que estar preparado para falar de temas como violência. Ele deve saber quais são os problemas de seus alunos e estar preparado para, pelo menos na escola, ajudá-los, conquistando assim o respeito deles” (2002, p. 155). Torna-se urgente/clínico ter uma proposta fenomenológica crítica, como a proposta de “ver-avaliar-agir” (BORAN, s/d) as práticas dos profissionais da Educação, no sentido de auxiliar a mais nova geração procurar compreender o valor da vida, fazendo com que o respeito às diferenças e a aceitação do outro possam ser referências presentes nos relacionamentos e na convivência social.

Uma vez que estudantes/professores/familiares se comprometem com o seu existir no/para o mundo, em sendo no mundo, percebemos que somos, antes de tudo, filhos do cuidado, e aqui-agora no sentido alemão hedeggeriano de Sorge, que pode ser bem aplicado para a Psicologia, Educação e Pedagogia por Boff (1999). O cuidado como modo de ser sendo junto ao outro no mundo, e no dizer de Boff, “o cuidado constitui uma constante cosmológica”. E Fernandes (2011) complementa que é “no cuidado que irrompemos para o nosso existir, é nele que somos gerados como ser-no-mundo, é nele que nos formamos e nos constituímos como o ser que somos” (p.69). Porém, primeiramente, é preciso que não se perca a sensibilidade como valor indispensável à vida humana.

Nesta concepção, aniquilar o (pré) conceito-bullying escolar é um cuidado/ato responsivo que o homem/cidadão deve ter como um desafio a ser superado. O desejo de viver em uma sociedade mais justa, em um mundo melhor é que nos faz acreditar que é possível uma atitude coletiva entre família e escola no sentido de promover o respeito/ tolerância/ aceitação do outro e de si mesmo. Enfim, no mínimo minimizar essa problemática, em uma sociedade capitalista e individualista onde a visão de que o “ter” prevalece ao “ser”. Poderíamos sonhar em exterminá-la, mas a nossa estrutura maléfica nos diz que melhor é minorar. Trata-se de um desafio que nos inspira a lutar por tempo/mundo melhor, uma sociedade mais justa, para que as gerações futuras tomem como um legado. E isso só poderá ser conquistado quando nenhum ser/ vítima/ do preconceito-bullying se esconder por trás de suas lágrimas, sofridas/silenciadas.

E nessa visão de totalidade de mundo e subjetividade em ser, faz-se necessário que a gestão escolar tome para si as palavras de Paulo Freire, pois o conhecimento não se estagna, assim como o gestor não é detector de saber único. A educação contemporânea não permite mais à educação o ensino bancário, e a tarefa da escola vai além do ensinar a ler e escrever e a apontar lápis, e sim a ser um

cidadão pensante, e pensar certo. E a elaboração de projetos deve ser vista como o ensinar que exige risco, aceitação do novo e rejeição qualquer forma de discriminação através do diálogo e não da polêmica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRÁPIA - Associação Brasileira de Proteção à Infância e Adolescência. **Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes.** Recuperado de: http://www.miniweb.com.br/Educadores/Artigos/PDF/bullying_abrapia.pdf.

Andrade, F.C.B. (2010). **Violência.** In: Streck, Danilo R. et al. Dicionário Paulo Freire. Belo Horizonte: Autêntica.

Boff, Leonardo. (1999). **Saber cuidar; ética do humano, compaixão pela terra.** Petrópolis: Vozes.

Boran , Jorge. (n.d). **O senso crítico e o Método ver-julgar-agir para pequenos grupos de base.** São Paulo: Loyola.

Candau , Vera Maria (org.). (2002). **Reinventar a escola.** (3. ed.). Petrópolis: Vozes.

Cubas , V. O. (Org.). (2006). **Violência na escola: um guia para pais e professores.** São Paulo: ANDHEP, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. (2002). São Paulo: Saraiva.

BRASIL. Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990. (1990). **Estatuto da Criança e do Adolescente.** Brasília: Imprensa Oficial. Recuperado de: <http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L8069.htm>.

Fante, Cléo. (2005). **Fenômeno Bullying; como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz.** Campinas: Verus.

Fernandes, M.A. (2010). **Fenomenologia do cuidado e do cuidar.** Curitiba: Juruá.

Ferreira, B. W.; Ries, B. E. et al. (2007) . **Psicologia e Educação; desenvolvimento humano. Adolescência e vida adulta.** Porto Alegre: Edipucrs.

- Forghieri, Yolanda Cintrão. (2014). **Psicologia fenomenológica**. São Paulo: Pioneira.
- Foucault, M. (1988). **Historia da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Freire, Paulo. (2003). **Cartas a Cristina; reflexões sobre minha vida e minha práxis**. São Paulo: UNESP.
- Krüger, Helmuth Ricardo. (1986). **Introdução à Psicologia Social**. São Paulo: EPU.
- Lopes Neto, A. (2004). **Diga não ao bullying**. Rio de Janeiro: ABRAPIA.
- Merleau-Ponty, M.(1999). **Fenomenologia da Percepção**. (2-ed). – São Paulo: Martins Fontes.
- Olweus, Dan. (1993). **Bullying at school; What we know and what we can do** London, Lackwell.
Recuperado de: <http://www.wiley.com/WileyCDA/WileyTitle/productCd-0631192417.html>.
- Pelegri, A. D. & Smith , P. K. (1998). **Physical activity play: the nature and function of a neglected aspect of play**. Child development, 67, 577-598.
- Pereira, Beatriz Oliveira. (2002). **Para uma escola sem violência – estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças**. Lisboa: Dinalivro.
- Pinel, Hiran (Org.). (2015). **Pedagogia hospitalar; um enfoque fenomenológico existencial**. São Paulo: Clube de Autores.
- Pinel, Hiran. (2004). **Apenas dois rapazes & uma Educação Social; cinema, existencialismo e inclusão**. Vitória: Do autor.
- Silva, N. R. (2009). **Violência nas Escolas; O conceito de violência e o processo grupal como método de intervenção e pesquisa. Contribuição para a formação inicial e continuada de professores e psicólogos**. In: Anais do XV Encontro Nacional da ABRAPSO. Maceió. 01-07.
- Silva, Ana Beatriz Barbosa. (2010). **Cartilha: bullying, justiça nas escolas**. Brasília: Conselho Nacional de Justiça, 2010. Recuperado de: <http://www.cnj.jus.br/campanhas-page/14312-bullying>.

Smith, P. K. (2002). **Intimidação de colegas e maneiras de evitá-la**. In: E. Debarbieux & C. Blaya (orgs). *Violência nas escolas e políticas públicas*. Brasília: UNESCO.

Streck, D. R. (2010). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica.

Yamamoto, M. E. & Carvalho, A. M. A.(2002). **Brincar para quê? Uma abordagem etológica ao estudo da brincadeira**. *Estudos de Psicologia*, v. 7

SOBRE O AUTOR/ A AUTORA:

Mestre em educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Psicopedagoga. Especialista em Pedagogia Hospitalar (PH), Especialista em Atendimento Educacional Escolar (AEE) e Especialista em Educação Inclusiva e Especial. Brinquedista Hospitalar pela ABBri e Afiliada a ABBri (Associação Brasileira de Brinquedotecas).

Professor da UFES/CE/PPGE. Professor titular aposentado do DETEPE/ UFES/ CE. Leciona e pesquisa nos cursos de mestrado, doutorado, especialização, supervisão de pós-doutorado em Educação/ UFES. Residência Pós-Doutoral em Educação pela FAE/UFMG - Área: Conhecimento e Inclusão Social; Pós-Doutorado em Educação pela UFES/CE/PPGMPE - Área: Práticas Educativas, Diversidade e Inclusão Escolar; Doutor em Psicologia pelo IP/USP - Área: Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano. Foi o primeiro subchefe do atual Departamento de Teorias do Ensino e Práticas Educacionais - DTEPE - de 01/04/2008 a 08/05/2008. PESQUISA: Linha de pesquisa: "Educação Especial e Processos Inclusivos". Coordenador do projeto "guarda-chuva" de pesquisa: "Aprendizagem (e desenvolvimento) humano sob a ótica fenomenológico-existencial: Educação Especial, Pedagogia Social e Hospitalar, Psicopedagogia". Coordenador do: Grufei - Grupo de Fenomenologia, Educação (Especial) & Inclusão; Membro do G-PEFE - Grupo de Pesquisa em Fenomenologia na Educação. ENSINO: Educação Especial e Educação Inclusiva e correlatos.

Doutora em Educação- PPGE/UFES; Mestre em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo(UFES/PPGE).Pedagoga na Secretaria Municipal de Marechal Floriano e tutora à distância no Instituto Federal do Espírito Santo (EAD).Atua como tutora do curso "Escola da Terra Capixaba"(UFES) e é membro do Conselho Municipal de Educação e Conselho do FUNDEB.Coordena a Comissão do Plano de Carreira e Remuneração no município de Marechal Floriano. Possui licenciatura em Pedagogia (FDM) e pós-graduação lato sensu (especialização) em Infância e Educação Inclusiva (UFES), Gestão Escolar (UFES) e Educação Especial e Inclusiva (UNIVC). Possui o Curso Normal de Magistério (EEEFM Fioravante Caliman-VNI). Atua em pesquisas, estudos e intervenções nas seguintes áreas: Educação Especial e Inclusiva; Formação de Professores; Diversidade; Educação do Campo; Povos Tradicionais Pomeranos ; Pedagogia Hospitalar e Síndrome de Duchenne.